

CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte *A Crítica*

Class.: *Am. Rec. Externos*

Data *12.01.90*

Pg.: *16*

# Deputados alemães vão <sup>4458</sup>pedir verba à Amazônia

Os seis deputados membros da Comissão de Orçamento do Parlamento alemão ocidental que visitaram Manaus esta semana cumpriram seu último compromisso ontem pela manhã na sede do Instituto Estadual do Meio-Ambiente, ouvindo relatos sobre as agressões ao meio-ambiente amazônico e à questão indígena expostos pelo reitor da Universidade do Amazonas, professor Marcus Barros, por outros membros da comunidade universitária e pelos representantes do Cimi e das organizações indígenas. Ao final, prometeram influenciar na Europa para que todos os projetos voltados para a Amazônia ou mesmo recursos aqui aplicados sejam antes de aprovados discutidos com as comunidades indígenas.

Interessados neste encontro, eles cancelaram a visita que fariam ontem à Funai e decidiram se dedicar apenas a conhecer as dificuldades e os projetos que a Universidade tem para desenvolver um contato mais abrangente dos índios com a civilização ocidental. Eles ouviram quatro exposições, do próprio reitor, do professor de Direito

Ambiental da UA, o ex-reitor Roberto Vieira, do departamento de Meio-Ambiente da Universidade, professor Vicente Nogueira e do padre Egidio Schwarz, do Cimi — foi o único a expor em alemão, sem auxílio do intérprete.

Depois, todos formularam questões e então puderam ouvir o índio tucano Mario Moura, representante da União das Nações Indígenas e da Organização dos Povos Indígenas do Amazonas, que se fazia acompanhar ainda por José Severino, do Acre — nação Martineri —, o baré Orlandino e de um outro tucano. Respondendo a uma questão formulada por um dos deputados sobre os mecanismos de defesa a nível político que eles tinham. "Nós não temos como enfrentar este progresso desarticulado e sobre isso temos conversado com o reitor Marcus Barros. Não temos técnicos para tal. Além disso, de que adianta a Ibm dizer que precisamos de árvores se permite que empresas mineradoras e madeireiras, além dos próprios projetos governamentais, destruam nosso meio-ambiente sem sequer nos consultar? Aqui no Brasil pode-se escrever milhares de leis que não funcionam. Precisamos preparar nossos técnicos para melhor nos defendermos, porque aqui no Brasil o índio é considerado um sapo, uma onça ou um cachorro. Pela primeira vez temos a oportunidade de nos reunir com pessoas como vocês, que podem influenciar", disse Mauro, em português arrastado, mas de farta clareza.

Os deputados alemães garantiram que já estão fazendo algo para tentar mudar a situação e inclusive já procederam um lobby junto ao Congresso Nacional na tentativa de mudar a legislação vigente.

**Projetos** — Auxiliado pelo professor Ademir, de etnolinguística, pelo professor Roberto Vieira, de Direito Ambiental e pelo chefe do Departamento de Meio-Ambiente, professor Vicente, o reitor Marcus Barros expôs alguns dos projetos que a UA pretende desenvolver junto aos índios, não sem antes condenar o regime militar pela falta de democracia que implantou no País e alfinetar as eleições, ao dizer que elas ainda são manipuladas. "Quem teve um projeto, ambiental perdeu", afirmou.

"Temos uma aliança com as nações indígenas bem definida e estamos elaborando projetos que vão desde a preocupação etnolinguística até à saúde das nações indígenas. Pensamos ainda em abrir as por-



Deputados alemães ouvem relatos sobre agressões ao meio-ambiente

tas da Universidade para a nação tucana, que tem interesse em conhecer a nossa tecnologia, mas entendemos que eles jamais conseguirão isso passando por este esquema de vestibular que hoje existe. Por isso, pensamos em alguma opção, como um vestibular diferenciado ou mesmo o acesso à Universidade sem a seleção para eles", explicou Marcus Barros.

Um deputado se preocupou com estas declarações, porque achava que os índios não deveriam ser forçados a se integrar à comunidade como um todo e o reitor lhe explicou que não tinha uma visão elitista. "A nação tucana se interessa por isso. Ela quer formar seus técnicos para que depois tenham armas para defender não só esta nação, mas também os Waimiri-Atroari e os Yanomami, que nós não traríamos para a Universidade por causa das diferenças que existem deles para os tucanos a nível de busca do conhecimento", esclareceu o reitor.

Outro parlamentar alemão quis saber o que poderia ser feito para dar um basta ao morticínio dos índios e ouviu o representante do Cimi, Guinter Francisco, explicar que é preciso mais democracia no Brasil. "Os recursos destinados à população indígena foram usados até hoje para convencer estes povos a abrir mão de seus direitos. Os projetos desenvolvidos hoje aqui, como o Calha Norte, Profitel e Nossa Natureza seguem a linha de aculturação e têm tutela militar, sem respeito étnico. É preciso que todos os recursos destinados à região tenham sua aplicação discutida também com os povos indígenas", reivindicou Guinter.

**Investimentos** — Outra preocupação dos deputados disse respeito aos investimentos na região. "Vamos parar de investir aqui?", questionou um deles. O professor Roberto Vieira se encarregou de explicar que antes de qualquer implantação deveria ser feito um estudo sobre o impacto ambiental. "Talvez se isso fosse feito antes da construção de uma usina como Balbina, por exemplo, ela não teria causado tantos danos como causou", citou.

Quase ao final do encontro, os deputados afirmaram que, ao chegar à Alemanha, iriam mobilizar os recursos próprios do Parlamento, que independem do governo, para financiar projetos como o exposto pelo reitor Marcus Barros, a fim de desenvolver e preservar os povos indígenas, através de uma das instituições alemãs sediada no Brasil, mas especificamente no Rio de Janeiro.

Antônio Menezes